

RUMOS DA PESQUISA AGROPECUÁRIA NO TRÓPICO ÚMIDO BRASILEIRO

Gabriel Correia¹

O problema da pesquisa no trópico úmido deve passar, necessariamente, na sua forma operacional para um aumento significativo de investimento na pesquisa e recursos humanos. A dependência, anteriormente citada, estende-se até mesmo ao profissional que desenvolve essa pesquisa na região. Com exceção do Pará, um contingente significativo de pesquisadores são oriundos de outros estados do país. Acreditamos que a estabilidade da pesquisa na região corresponda, necessariamente, a um significativo aumento da participação de quadros locais, ou seja, que a pesquisa deva iniciar, imediatamente, um processo de seleção para formação e aperfeiçoamento de pesquisadores oriundos de seus próprios estados. Os cursos de agronomia, principalmente no Amazonas e no Acre, favorecem estas condições.

Outro aspecto, tentando lembrar o que foi colocado pelos palestrantes que já pronunciaram, é o centro de produtos atuando no trópico úmido. Já foi feito um retrato muito claro do que tem de ser a agricultura: temos que prever e implementar a agricultura que copia o mais fielmente o ecossistema que está na floresta.

Foram os estados do Pará, com as grandes pastagens, e, principalmente, o Estado do Amazonas, com a seringueira, que sofreram um maior impacto quando retiraram esse ecossistema. As respostas desse ecossistema, tanto no caso das grandes pastagens do Pará como da seringueira no trópico

¹Pesquisador da EMBRAPA/Chefe Administrativo do CNPSD.

úmido, foram e são desastrosas. Daí criar-se o Centro Nacional de Pesquisa de Seringueira e Dendê (CNPSP), que pesquisa seringueira e dendê. Ele concentra toda a sua atividade para evidenciar uma tecnologia para um produto que, ao longo do tempo, terá que ser, necessariamente, considerado apenas uma parcela da agricultura. Esse Centro de produto do trópico úmido dá um enfoque único a uma ocupação de monocultura e a experiência tem nos mostrado que essa ocupação tem poucas condições de ter sucesso. Chega-se, então, a um ponto em que o centro de produto, necessariamente, tem de ter visão de que a agricultura que se vai fazer no trópico úmido não é uma agricultura de produto, é uma agricultura de sistema de produção. Necessariamente, a pesquisa de produto tem de se acoplar a essa visão de sistema para a ocupação do trópico úmido. A experiência com seringueira nos fez, este ano, redefinir o rumo da pesquisa com esse produto ao se constatar que a cultura não foi viável técnica e economicamente, ao nível de produtor, com as tecnologias em evidência. A cultura torna-se impraticável nas condições do trópico úmido e, principalmente, nas condições do Amazonas. Esse fracasso - talvez esta seja uma palavra muito forte - deve-se ao fato de que a base botânica em que se sedimentou a expansão da heveicultura no Brasil foi extremamente frágil, não suportando os ataques do ecossistema. Quando ela foi implantada em substituição à floresta, o CNPSP redefiniu todo o seu programa de pesquisa em relação à seringueira, em função dos 150 mil ha de seringueira e seringais de cultivo implantados na Amazônia, devido aos problemas de fitossanidade agregados ao manejo, fundamentalmente vinculados à fraqueza desse material botânico em suportar as condições de ataques de pragas e doenças do trópico. Chegou-se à conclusão de que esses seringais não vão

produzir borracha; de que o trópico úmido ainda não tem tecnologia para uma produção econômica de borracha em seringal de cultivo e de que o controle dessas doenças utilizando a tecnologia disponível envolve gastos da ordem de 5 mil e 300 cruzados/ha/ano.

Essa tecnologia torna-se impraticável pelos produtores. O fato é que esta realidade evidencia os nossos erros de enfoque do problema da agricultura no trópico úmido, como foi a pastagem extensiva no Estado do Pará, que levou o Centro a redefinir sua posição de pesquisa. Essa redefinição se volta basicamente para a região do trópico úmido de concentrar, de aumentar o esforço de pesquisa nas áreas de melhoramento genético vinculado à fitossanidade como uma forma de, no futuro, dentro de 10 ou 15 anos, retornar à expansão da heveicultura no trópico úmido, com base em um material botânico que seja capaz de suportar a agressão do ecossistema. Essa redefinição traz de imediato um reconhecimento do CNPSD de que, embora se tenha tecnologia de manejo de controle fitossanitário para produção de mudas, não se tem pesquisa, não se foi capaz de completar um material botânico mesmo por falta de tempo, já que a pesquisa foi criada concomitantemente com a expansão violenta dos plantios de Hevea na Amazônia, não foi possível colocar um material genético adaptado a essas condições e redirecioná-lo. Nesse produto, que é a seringueira, é que se concentra todo nosso esforço de pesquisa visando a obtenção de material genético adequado às condições do trópico úmido. O segundo produto com que nós trabalhamos, o dendê, se constitui em um produto promissor para a ocupação da Região Amazônica. Embora estejamos avançados na sua parte agrônômica, há que refazer e que tomar cuidado para que a pesquisa deste produto venha, num determinado momento, se acoplar ac

enfoque de sistema de produção para que não ocorra, com o dendê, os mesmos problemas que ocorreram com a seringueira. Em determinado ponto da pesquisa com dendê, necessariamente ele terá que se voltar, não como um produto único de ocupação mas para ser integrante de um sistema de produção que reproduz a agricultura para a qual nós devemos nos preparar. Uma agricultura que reproduza, tanto quanto possível, o sistema que a floresta inventou e operacionaliza. São essas as minhas palavras e muito obrigado.